



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

DIOZETE DO AMPARO NOGUEIRA DE OLIVEIRA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA, NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
um relato de experiências ocorrido por meio de estágio**

CASTANHAL-PA
Maio de 2017

DIOZETE DO AMPARO NOGUEIRA DE OLIVEIRA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
um relato de experiências ocorrido por meio de estágio**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Faculdade de Pedagogia, da
Universidade Federal do Pará – UFPA, como
requisito à obtenção do grau de Licenciado Pleno em
Pedagogia.

Orientador: Prof^o Francisco dos Anjos

CASTANHAL-PA

Maio de 2017

Sumário

1	INTRODUÇÃO	4
2	JUSTIFICATIVA.....	Erro! Indicador não definido.
3.	OBJETIVOS	6
3.	1 OBJETIVO GERAL	6
	3. 2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	6
4	REFERENCIAL TEÓRICO	6
5	METODOLOGIA	9
6	CRONOGRAMA	12
7	REFERENCIAIS.....	12

I – INTRODUÇÃO

Vive-se em um momento onde as crianças cada vez mais tem acesso as informações pelos meios de comunicação, pois já nascem em meio à tecnologia, o que expande seus conhecimentos e horizontes, no entanto, os livros que antes eram inseparáveis amigos das crianças na primeira fase da vida estão aos cantos.

As histórias fogem das lembranças, e o gosto pela leitura se torna desafiador para os educadores deste tempo, que precisam usar de todas as suas habilidades ao contar as histórias na esperança que elas se deixem encantar e se envolver em um mundo desconhecido para muitas, o mundo da fantasia e da imaginação, que se encontra em cada história contada.

Para as crianças nessa fase tudo que foge do sério ou do normal dos adultos como: casa, trabalho e escola, é uma brincadeira, e essa teoria também se aplica à contação de histórias, onde o narrador faz com que o ato de ouvir e interpretar histórias se torne tão divertida quanto uma nova brincadeira.

A contação de histórias sempre foi vista pelas crianças como um momento de brincadeira, e quando um professor conta uma historia em sala de aula seria uma forma de distração para elas, porém hoje a figura do contador de histórias, geralmente vestido na pele do professor/pedagogo, gera discussões entre vários estudiosos que levantam a hipótese de que a contação de histórias é um instrumento que auxilia a prática pedagógica em todos os anos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, pois esta colabora para a formação da personalidade e do caráter da criança, englobando o social e o afetivo, além de estimular: a criatividade, a oralidade, a imaginação, e ainda incutir nas crianças o gosto pela leitura.

De acordo com Rodrigues (2005), a humanidade buscou nas histórias maneiras expressivas de exprimir suas experiências, coisas que não ocorrem nos contos realistas; além de estar no campo educacional e na área das humanas, é uma ação comunicativa, através dela os seres humanos transmitem valores, tradições e costumes que podem incentivar a formação de um bom cidadão. E ele ainda afirma:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o transito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem à ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p.4).

O ato de contar histórias é uma maneira de transmitir valores, exprimir o sentido da vida através das gerações, isso incentiva a prática do contar, ouvir e recontar histórias, essa

atividade é imprescindível para a transmissão de conhecimentos e valores tendo atuação categórica no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e ainda dependendo do conteúdo interpretado tem atuação direta na formação do caráter do indivíduo.

Essa pesquisa propõe um processo de intervenção pedagógica envolvendo a contação de história como lúdico em sala de aula, como instrumento pedagógico no primeiro ciclo do ensino fundamental, procurando refletir sobre que diferenciações o uso dessa ferramenta, em particular, pode significar nos resultados do processo de ensino aprendizagem nos dias atuais, onde a tecnologia torna cada vez mais esporádicos o contato das crianças com jogos, brincadeiras e histórias contadas, cantadas assim como a literatura de um modo geral.

A contação de história para crianças que estão no primeiro ciclo do Ensino Fundamental representação na visão de Ramos (2011) a possibilidade de formação de leitores. Segundo ela, com objetivo de “verificar alguns efeitos das narrativas orais, ou seja, dos possíveis decorrentes da contação de histórias para a formação de alunos-leitores, e descobrir *se e como* o desempenho do professor durante a contação de histórias influencia o interesse do aluno em ler outros livros” (RAMOS, 2011, p.9) foi possível chegar a conclusão que a contação serve como uma estratégia fundamental na formação do leitor possibilitando, “o enriquecimento do processo educacional sob uma perspectiva que valoriza a constituição de sujeitos críticos e reflexivos” (2011, p.9). Ainda de acordo com a autora em questão, “[...] as narrativas orais, especialmente as que têm por suporte a leitura de textos literários, como foi o caso deste estudo, condensam em si caminhos plurissignificativos para a leitura e compreensão de si e do mundo”.

Outros estudos também reforçam o nosso entendimento de que a contação de história é uma ferramenta capaz de desencadear o processo educativo levando em consideração toda a capacidade criativa, e inventiva das crianças.

Deus (2013) ao discutir os conhecimentos prévios dos alunos, acessados por meio da contação de história ressalta que é potencializado por este processo a ampliação dos conhecimentos, haja vista que a partir desse processo metodológico, as crianças não só acessam suas memórias, mas também agregam outros conhecimentos que, quando tratados na relação direta com a visualização de imagens¹, auxilia na modificação de “seus conhecimentos prévios”, consolidando-os em conhecimento científico, “transformados para uma nova forma de compreender a realidade e de descrevê-la ainda a partir de termos cotidianos” (DEUS, 2013, 109).

¹ É do universo infantil a necessidade da relação do conhecimento por meio do concreto. No caso da contação de histórias o concreto se reveste da imaginação expressa nas imagens que podem ser exploradas enquanto se conta histórias.

Os apontamentos trazidos até aqui nos possibilitam assumir a importância da contação de histórias no processo educativo das crianças, ou seja, é uma ferramenta que amplia as possibilidades didático-pedagógicas na sala de sala. Em razão desse entendimento é que nos propomos a realizar esse estudo que assume não só uma posição de compreensão do papel da contação de história no processo de desenvolvimento das crianças, mas também de proposição de atividades dessa natureza como mecanismo disparador dessa compreensão.

Para melhor encaminhar esse estudo e conceber de que forma os profissionais trabalham o lúdico, mais especificamente o contar histórias em sala de aula como instrumento de ensino, e como isso contribui para o desenvolvimento das crianças, fazemos os seguintes questionamentos:

- ✓ Como se dá o uso da contação histórias na prática cotidiana do professor?
- ✓ Com qual objetivo a contação de história é usado pelo professor?
- ✓ De que maneira as crianças recebem a contação de história no contexto da sala de aula?
- ✓ Que avanço a contação de história promove no desenvolvimento das crianças?

O interesse por essa pesquisa surgiu, tanto pelos estágios realizados na faculdade de pedagogia, como nas participações em sala de aula onde observei os professores utilizarem a contação de história como instrumentos pedagógicos; quanto pela vontade de conhecer melhor sobre o assunto. Além é claro, de perceber através de inúmeros relatos e observações pessoais o afastamento das crianças dos livros e da leitura em si; o universo infantil na atualidade está muito vinculado à tecnologia que é cada vez mais presente no cotidiano desses indivíduos, haja vista em todos os lugares se tem acesso a todos os tipos de parafernália eletrônicas, que em sua grande maioria tem todos os jogos e brincadeiras atraentes demais a esses pequenos, que sucumbem a eles e desprezam a viagem pelos contos e encantos de um bom livro de histórias.

O contar de histórias proporciona a criança um momento crítico entre o discordar ou concordar com a moral ou mensagem ao final do processo de contação, de acordo com Coelho (1999), o isso induz pedagogicamente os indivíduos na construção da própria identidade e ou caráter, porque muito se sabe na teoria e observa-se uma enorme discrepância em relação à prática, em relação a jogos, brincadeiras e a contação de histórias, ou seja, com relação ao lúdico de uma maneira geral.

E diante de tantas mudanças no campo educacional na atualidade, com as crianças deixando de lado com mais frequência o ato de ler, observar e interpretar histórias, torna-se

necessário que se pesquise e se aponte direcionamentos à essa prática na construção do conhecimento, principalmente com relação ao momento do lúdico em sala de aula, onde o professor atua como mediador do ensino aprendizagem através do participar das crianças, como os da história contada e interpretada, levando-a como uma brincadeira positiva e com um intuito pedagógico que vai muito além do ouvir pelo ouvir.

Ao contrário do que se pensa esse ato de socializar o lúdico contando uma história eleva o grau de entendimento do indivíduo e o leva a reproduzir em fala ou em atos a contextualização do que foi apreendido durante a troca de opiniões, críticas e contribuições do imaginário infantil, sempre mediado e levando a interpretação para o discernimento do bem e do mal, sobre o poder da escolha nas atitudes, e o que suas escolhas podem trazer de consequência para o próprio indivíduo.

De acordo com Vygotsky (1998), a criança através do lúdico monta seu conhecimento e melhora seus pensamentos a respeito do que a cerca, ele ainda coloca como relevante papel o ato do brincar para a formação do próprio pensamento, haja vista que para a criança a contação de histórias é uma brincadeira e também se aplica aqui a tese desse estudioso, o autor ainda afirma que o ato de jogar ou de brincar expõe os estados motor, visual, auditivo, tátil e cognitivo da criança.

A investigação proposta visa contribuir para que outras pesquisas sejam feitas através dessa temática para o aprimoramento no processo de ensino aprendizagem através dessa ferramenta lúdica, a contação de histórias; dentro desse contexto, o que esperamos é que a referida pesquisa aponte caminhos ou nos dê um novo olhar sobre a contação de histórias como um instrumento pedagógico em sala de aula, e mostre possibilidades de sua utilização, além de referenciar novos objetivos sempre pensando no processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos como um todo.

Objetivos:

Geral: Analisar a contação de história como ferramenta pedagógica em uma sala de aula no primeiro ciclo do ensino fundamental, na Escola Sesc na cidade de Castanhal.

Específicos:

- ✓ Verificar como se dá o uso da contação histórias na prática cotidiana do professor.
- ✓ Identificar com qual objetivo a contação de história é usado pelo professor.
- ✓ Perceber de que maneira as crianças recepcionam a contação de história no contexto da sala de aula.

- ✓ Analisar os avanços que a contação de história promove no desenvolvimento das crianças.

1 – METODOLOGIA

Neste estudo, utiliza-se a abordagem qualitativa, a qual será utilizada porque busca percepções e entendimento sobre a natureza do assunto em questão, e está focada em levantar dados para compreensão e análise, levantando material para a interpretação, sem a preocupação em apresentar resultados numéricos.

De acordo com Goodenoug (1971), esse tipo de abordagem é indicado quando queremos analisar ou compreender as definições pessoais e situações dos indivíduos pesquisados; esse tipo de abordagem, qualitativa, também se aplica quando o objetivo da pesquisa é analisar as situações do indivíduo, o senso comum.

Segundo Minayo (1995), por se preocupar com uma realidade que não é quantificada, a pesquisa qualitativa busca resposta às particularidades; ou seja, ela manipula motivos, crenças, atitudes, valores e significados, correspondentes mais íntimos nas relações dos processos e dos fenômenos, os quais não se reduzem em variáveis operacionais.

Nesta pesquisa optou-se por estudo de campo com intervenção direta, segundo Severino (2007), sobre o estudo de campo o autor ressalta que nessas circunstâncias o objeto pesquisado está ao natural e não admite nenhum tipo de manuseio ou intervenção pelo pesquisador, neste tipo de pesquisa, se apresentam vantagens, pois o pesquisador terá acesso ao lugar onde as ações acontecem e as relações sociais que as pessoas estabelecem entre si, por se tratar de momento real, é menos limitada no que se refere a questão do produto final pesquisado.

No entanto, e fazendo referência a esse tipo de pesquisa, Fonseca (2002) afirma que a pesquisa de campo possibilita armazenar conteúdos de conhecimento de alguns aspectos da realidade, que por sua comprovação poderão ser úteis a outros pesquisadores. De acordo com este autor: “A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.). (FONSECA, 2002, p. 32)

Fonseca, em sua afirmação acima, também faz referência à pesquisa de campo com intervenção, embora não use exatamente essa expressão o autor nos diz que a pesquisa de campo também pode ser executada com o uso de recursos, onde os pesquisadores não só

observam o objeto pesquisado, como também participam direta ou indiretamente no ambiente onde este se encontra.

A respeito desse tipo de pesquisa com intervenção Aguiar e Rocha (1997) defendem que:

"Na pesquisa-intervenção, a relação pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. Pesquisa é, assim, ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sócio-históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise. É um modo de intervenção, na medida em que recorta o cotidiano em suas tarefas, em sua funcionalidade, em sua pragmática - variáveis imprescindíveis à manutenção do campo de trabalho que se configura como eficiente e produtivo no paradigma do mundo moderno" (Aguiar e Rocha, 1997:97).

Para a realização dessa pesquisa, primeiramente foi realizado um levantamento de todas as Escolas que trabalham com o primeiro ciclo do ensino fundamental; como também os professores que trabalham nas unidades com o referido ciclo; assim como a disponibilidade da instituição para esse tipo de pesquisa. Entretanto, a escolha da instituição de ensino foi atrelada a possibilidade de aliar o estágio ao projeto de pesquisa com intervenção, haja vista a autora estagiava na referida Escola Sesc de Castanhal, e em seu estágio precisava criar um projeto e desenvolvê-lo em sala de aula.

Foi informado aos representantes legais da instituição que o projeto desenvolvido na escola Sesc seria usado como instrumento de coleta de dados para essa pesquisa, e também foi informado sobre os procedimentos acerca da pesquisa/intervenção, e que o assunto a ser tratado seria a prática pedagógica com a contação de história em sala de aula.

Após essas informações, e de acordo, o representante legal da instituição consentiu que a autora se utilizasse de seu projeto de estágio para a realização da pesquisa, observando a informação que a qualquer momento poderia voltar atrás e desistir de sua participação.

A partir de então, foram agendados os dias dos procedimentos, acordado o tempo de duração; levando em conta sempre o melhor momento para que não houvesse interferência durante a aplicação do projeto, deixando claro que o conteúdo seria registrado em áudio de autoria própria.

Considerando que assumo o resultado da pesquisa de um processo de auto narração, ou seja, uso a minha voz para registrar o conteúdo desse processo interventivo e a partir disso surgem construções e um conjunto de reflexões necessário ao debate sobre a educação de crianças por meio de metodologias que valorizem a cultura oral do povo brasileiro.

II – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – O lúdico como perspectiva educativa

Tem-se o conhecimento que desde a antiga Grécia o Lúdico na forma de jogos, brincadeiras e histórias se fazem presentes na história da humanidade, esses momentos que seriam momentos de distração, eram tratados apenas como real entretenimento, sem nenhuma outra abrangência determinada ou por qualquer outro objetivo; entretanto no que diz respeito às lendas e mitos desse povo, as histórias contadas eram como métodos de manterem-se determinados comportamentos, através do temor das consequências terríveis de atos opostos a esses comandos pré-determinados pelos governantes da época.

Com o passar do tempo, outros conceitos fundamentaram o momento lúdico como algo mais que apenas um passatempo, de acordo com Piaget (1971), é através do lúdico que acontece o desenvolvimento da criança, e por isso, ela precisa dos momentos onde brincadeiras, jogos e histórias se fazem presente para crescer em todos os aspectos.

Os conteúdos lúdicos são muito importantes na aprendizagem, isto porque é necessário inculcar nas crianças a noção que aprender é divertido. As iniciativas lúdicas, como o contar histórias nas escolas potencializam a criatividade, e contribuem para o desenvolvimento intelectual dos alunos.

Para Vygotsky (1998), é através do lúdico que a criança desenvolve seu próprio pensamento, ele ainda imprime grande importância a brincadeira para a criança na formação do seu próprio eu, onde o simples ato de brincar ou jogar aflora seu estado visual, auditivo, tátil, cognitivo e motor.

Dentro desses contextos Santos (1997) afirma:

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para a saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. (SANTOS, 1997, p.12).

Na citação acima podemos notar que a autora, confirma a teoria de Vygotsky e Piaget, que embora tivessem divergências em vários outros contextos, se aproximavam muito quando o assunto dizia respeito a prática de conteúdos através do lúdico, e que as crianças aprendem muito nos momentos da brincadeira, dos jogos e do ouvir uma história, pois ambos concordam que o aprendizado se torna prazeroso.

Entretanto, as brincadeiras, jogos e histórias apesar de serem de conteúdos livres e algumas de escolhas das próprias crianças, devem possuir um objetivo pedagógico, o aplicador dessa metodologia deve compreender a diferença entre o jogar apenas por entretenimento, e o jogar para aprender.

De acordo com Kishimoto (2001) existe uma grande diferença entre os materiais pedagógicos e os brinquedos, os jogos e brinquedos que são empregados na escola sempre apresentam uma característica educativa, e sobre isso ele afirma:

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, à função pedagógica subsidia o desenvolvimento da criança. Neste sentido, qualquer jogo empregado na escola, desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta caráter educativo e pode receber também a denominação Geral de jogo educativo (KISHIMOTO, 2001, p. 83).

As crianças deveriam iniciar suas atividades lúdicas nos primeiros anos de vida, nos resalta Aguiar (1998), pois geraria uma contribuição maior para o seu desenvolvimento intelectual, e ainda:

Brincando e jogando, a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional e social, tais afetividades, o hábito de permanecer concentrada e outras habilidades, perceptuais e psicomotoras, pois brincando, a criança torna-se operativa. (AGUIAR, 1998, p.36).

Essa metodologia de aplicação do lúdico é muito questionada, tanto por profissionais tradicionalistas em suas práticas em sala de aula, quanto pelos próprios pais, que em sua maioria acham que é inconcebível que seu filho frequente a escola somente para brincar, pois para eles ainda não há a conscientização de que o brincar também pode ser pedagógico.

Os momentos de ludicidade para esses pequenos são de grande importância para o seu autoconhecimento e conhecimento do mundo ao seu redor, dependendo para isso que o profissional envolvido esteja ciente dos momentos lúdicos a que essa criança participará e os objetivos a que se destina cada momento como este, o brincar por brincar não se faz presente nessa hora, pois cada brincadeira tem uma finalidade específica, o brincar aprendendo entra em cena ajudando a criança a desenvolver suas percepções do que a cerca, promovendo assim um crescimento e desenvolvimento mais pleno que envolve o cognitivo e o psicomotor dos indivíduos.

2.2 – Narrativas e contações de história como metodologia do processo educativo

A necessidade de manifestar a significação sobre a vida é uma busca constante da humanidade desde os tempos mais remotos até os dias de hoje, o que instigou e ainda instiga a procura em desvendar o inexplicável e solucionar os problemas e desassossegos humanos, assim como também o ato de difundir os bons valores, todas as formas socioculturais e as convicções e preceitos de um povo; é o que estimula continuamente a prática do ouvir, contar e recontar histórias, a esse respeito Rodrigues(2005) afirma:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Os saberes comunicativos da criança se desenvolvem através dos modos de expressão com as quais a mesma tem contato como a música, os movimentos e as imagens; essas que sempre são encontradas ou estão relacionadas com a literatura infantil, onde as formas de expressão são trabalhadas de maneira a aprimorar a comunicação desses indivíduos.

As crianças em sua primeira infância sentem-se atraídas pela contação de histórias, e essas podem tornar-se meios de orientação para a elaboração do caráter e do intelecto; é o que afirma Abramovich:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a sua amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar, pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVICH, 2006, p. 17)

Através da contação de uma história as crianças transitam entre a ficção do seu imaginário e o real de seu cotidiano, isso instiga sua imaginação e a leva a viajar pelo fictício da história. É muito importante a maneira como se prepara o momento de contar uma história, o narrador ou contador toma para si a experiência dos personagens, é como se estivesse dentro da história e a cada narração e fala dos personagens personificasse para o ouvinte o momento vivido e descrito pelo autor. “Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem – se ficarem quietos conto uma história, se isso, se aquilo [...] – quando o inverso que funciona. A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa”. (COELHO, 1999, p.12).

O uso da ferramenta de contar histórias, além de estar relacionada a imaginação das crianças, estimula o gosto e o hábito pela leitura, a expansão dos vocábulos, da cultura e das narrações, isso tudo é um montante de referências que favorecem o desenvolvimento do cognitivo infantil, como também o trânsito entre os espaços mais íntimos do indivíduo, ou seja o mundo interno e o social.

Ressalta-se que os profissionais educadores precisam ofertar as crianças um momento intelectual distinto, e fazer com que através da história contada os alunos possam se informar e sentir-se instigado a perceber a importância da leitura, fazendo com que nesse momento exista uma troca de estudos e experiências entre os envolvidos, na leitura, narrativa e análise do texto ou história contada.

A socialização do mundo da leitura para a criança é feita através da educação. Entretanto, A escola não é a única responsável por essa educação. As educações são várias como a do âmbito familiar e de ordem cultural, onde ocorrem trocas de informações saberes e experiências.

Nesse contexto a pesquisa sobre o literário infantil relacionada com a educação escolar torna possível refletir que, para que haja formação da criança se faz necessário que ela vivencie esses momentos de contação de histórias com prazer, sentindo-se instigada a querer mais, para que futuramente possa tornar-se um bom leitor e um bom ouvinte, ou seja, eis a importância da contação de histórias por parte de todos os envolvidos na educação do indivíduo: o educador por trazer esses momentos o mais próximo possível desse indivíduo, os pais por incentivarem esses hábitos do ouvir e tomar para si o papel desse contador, e também os próprios, elementos importantes para a construção de futuros bons leitores.

De acordo com as afirmativas e estudos de tantos autores acima citados, e levando em consideração que a criança pensa que tudo que foge ao contexto formal é um jogo ou uma brincadeira, o lúdico na forma de contação de histórias, quando desenvolvida de forma correta e com objetivos concretos, faz com que a criança sinta prazer em aprender, o que torna esses momentos em sala de aula muito eficazes no processo de ensino aprendizagem, pois age como instrumento no processo de formação de sua própria realidade e de acordo com suas próprias inclinações.

III – CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: entre memórias e intervenções pedagógicas

3.1 – Minha relação com o imaginário cultural da Amazônia por meio da contação de história

Acredita-se que o hábito de contar histórias acompanha a humanidade desde os primórdios, e existe muito antes do desenvolvimento de outras formas de se comunicação e expressão do ser humano, como a arte de ler e escrever, formas que só foram se desenvolvendo ao longo de muitos séculos, até chegar ao aprimoramento dos dias atuais.

A arte de contar histórias, acredita-se, era a maneira pela qual se perpetuava os costumes e crenças em todos os povos, onde os mais velhos e sábios contavam as lendas, os acontecimentos que envolviam o próprio povo, costumes e mitos que favoreciam o aprendizado e o viver em sociedade.

Por isso mesmo, o ato de contar e ouvir histórias é considerada a arte mais antiga de que se tem notícia, oriunda de um momento em que não se tinha registro escrito, essa arte seria uma forma de preservar a memória de um povo, os fatos e atos eram contados de geração em geração, o que permitia a propagação das memórias, lendas, mitos e todo um contexto cultural de um povo.

Partindo desse princípio, em que nascida em meio a essa vastidão de lendas e mitos amazônicos, e em uma geração ainda tão arraigada em velhos hábitos e culturas, também em um tempo em que a contação de histórias fazia parte do cotidiano das crianças e tínhamos o hábito de ouvir as pessoas mais experientes contarem as mais diversas histórias, foi que se enraizou a vontade de propagar esses hábitos tão significantes para a minha formação como leitora.

No meu tempo de criança, a tecnologia ainda não se fazia tão presente nos lares como nos dias de hoje, e a energia elétrica juntamente com a televisão e o telefone fixo eram os maiores sinais de avanços tecnológicos, nesses dias em que as crianças, assim como eu, tínhamos interesses em ouvir as histórias contados por nossos familiares, que nesse momento assumiam o papel desse contador.

Os nossos avós, pais ou outro membro da família com uma boa história para nos contar, nos aguçavam a imaginação já tão fértil de criança, geralmente essas histórias se apresentavam repletas de contextos da nossa cultura, nos traziam referências a respeito da vida de nossa comunidade e da nossa gente, exemplos a serem seguidos ou nem tanto, para nos tornarmos adultos responsáveis por nossos atos e para saber viver bem em qualquer lugar em que estivéssemos inseridos.

No meu caso especificamente, devo meu grande interesse em histórias contadas, à minha mãe e ao meu pai; ela que tinha um repertório tão grande de lendas e contos da região onde nascera, como também fatos que vivenciou em sua infância em meio a essa cultura tão rica de fatos assombrosos, curiosos e digamos um tanto fantasiosos; esses que a própria nos contava com entusiasmo e brilho nos olhos como se estivesse revivendo cada momento, sempre nos proporcionando, a mim e minhas irmãs, um momento emocionante; as vezes com uma mistura de medo e ansiedade nos deleitávamos daquele momento de tanto bem querer e de tanta proximidade, e ficávamos ansiosas e ao mesmo tempo temerosas pelo que estava por vir em cada momento das histórias tão bem contadas, ao final de cada contação ela nos fazia refletir sobre os fatos da história e esses momentos de interação e conversa sempre deixava uma lição para nossa própria vida, uma moral para nos ensinar a como ser e viver em comunidade.

Posso então afirmar, que minha mãe foi a minha professora contadora de histórias, e mesmo sem ter muitos estudos, pois só estudou até o quarto ano do ensino fundamental, conseguia ensinar através do lúdico, usando uma ferramenta tão rica que é a contação de histórias, com seu próprio conhecimento de menina/mulher/mãe conseguiu nos ajudar em nosso desenvolvimento.

Meu pai por sua vez, teve seu protagonismo também nesse contexto, além de ter sido um homem batalhador e trabalhador com princípios muito bem definidos de bom caráter, era um incentivador de nossos estudos, nos afirmava que deveríamos saber ler, escrever e também saber trabalhar as quatro operações matemáticas; então, sempre que podia, presenteava a mim e minhas irmãs com discos de vinil que traziam histórias contadas e cantadas, que inundava nossos ouvidos com tanta fantasia e musicalidade, trazendo um misto de narração e canto que nos fascinava, de vez em quando ele também nos contava histórias do seu tempo de garoto e adolescente do interior, lugar onde geralmente se acreditava em Matinta, Lobisomem e outros assombros do dito popular. Meu pai tão rústico e tão sábio do seu jeito, teve uma participação tão incisiva nesse processo do contar histórias em minha vida.

Cresci com essas referências de contação de histórias e com o passar do tempo formando minha própria família, passei a assumir o papel desse contador, passando pela experiência de contar histórias para minhas filhas, percebi o interesse que despertava em cada uma delas cada vez que contava uma história. A história da Bela adormecida, eu aprendi em um desses discos que meu pai me presenteou, e foi a história que mais contei pra minhas filhas, elas adoravam ouvir as cantorias das fadas e da princesa durante a contação, foram momentos maravilhosos que nos aproximavam mais e mais, era um aconchego dentro de uma

rede com minhas duas crianças uma de cada lado em meus braços me ouvindo atentamente contando ou cantando a história.

Foi gratificante observar que as histórias contadas podem fazer muito mais que só distrair, e sim ensinavam, trazendo consigo mensagens, moldavam o comportamento das crianças; observei que as crianças faziam essa diferença entre o bem e o mal, entre o que era certo e errado pra ser praticado em comunidade; a partir daí as histórias que eu contava sempre tinham um sentido a mais, com a finalidade de desenvolver a imaginação, os sentidos, a identidade e porque não o caráter das minhas crianças, das minhas filhas.

No curso de pedagogia, me interessei ainda mais pelo assunto por ocasião de uma das disciplinas do curso, fundamentos metodológicos de língua portuguesa, na qual dentro das atividades de avaliação cada aluno teria que recitar, cantar, ou algo do tipo; na vida corrida de trabalhadora e estudante havia esquecido o dia de tal apresentação, e fui pega praticamente de surpresa ao chegar uma noite na universidade e perceber que era o dia da avaliação, foi então que lembrei da história que eu sempre contava para as minhas filhas, e contei a história da bela adormecida para o professor e para a turma, fiquei surpresa que ao terminar minha apresentação todos me aplaudiram e o professor me elogiou e disse que eu tinha feito um ótimo trabalho.

Tomei nesse momento a decisão: serei uma pedagoga contadora de histórias. Irei ensinar minhas crianças/alunos a terem prazer em ler e ouvir; e com isso ajuda-los a se desenvolverem por completo, pois segundo vários autores já citados nesta pesquisa, a criança precisa dos momentos de ludicidade para se desenvolver por inteiro, através das histórias contadas de acordo com Abramovich(1998), a criança aprende a lidar com seus próprios sentimentos, vivenciando cada emoção através do imaginário, e ainda ressalta que a contação de histórias pode servir como meio de orientação para o desenvolvimento e formação de seu intelecto e caráter.

3.2 – O desejo de fazer diferente: protagonizando processos educativos por meio da contação de história

3.2.1 – A organização do projeto de contação de história

A contação de histórias está em minha vida desde a infância, porém somente ao entrar no ensino superior, comecei a amadurecer a ideia de uma proposta de intervenção visando sua utilização nessa pesquisa, e no ano de 2017 a partir do estágio que estava desenvolvendo na

Escola – Sesc² de Castanhal, houve a possibilidade de fazer uso dessa ferramenta metodológica a contação de história como um momento de ludicidade para o desenvolvimento das crianças, foi então construída uma proposta de intervenção com a elaboração do Projeto: Contação de Histórias: Uma janela à leitura e à escrita.

O projeto tratou a **contação de histórias** como instrumento para o desenvolvimento da criança, em áreas distintas como: a leitura e a escrita, onde a avaliação desse processo ocorreu através da participação e do interesse despertado para a leitura, como também através das atividades escritas desenvolvidas durante a execução do mesmo.

As atividades desenvolvidas durante o projeto proporcionaram a observação e avaliação por parte do aplicador, do desenvolvimento dos alunos envolvidos, como também a aceitação dos mesmos com relação a esse momento de leitura e exploração do universo lúdico das histórias.

Justificativa:

A história contada é uma arte que abrange enorme importância na vida de todos, inclusive servindo como parâmetro formador na educação, seja ela na escola ou fora dela, através da qual podemos adquirir experiências pelos fatos contados, e ainda estimular ou despertar para o hábito e gosto pela leitura.

Conforme nos afirma Busatto (2006, p.74):

A intenção de inserir a história no contexto escolar é de propiciar, cultura, conhecimento, princípios, valores, educação, ética, além de contribuir para uma boa construção de relacionamentos afetivos saudáveis, como: carinho e afeto bons tratos, cuidados pessoais, reeducação alimentar, auto-estima, onde as crianças têm prazer em ouvir e desta forma alcançando seus objetivos.

Porque ainda de acordo com o autor acima, o educador pode através da história contada incentivar e despertar nas crianças, independente da idade destas, o interesse e o prazer pela leitura.

Outro autor que nos fala sobre esse incentivo à leitura é Villardi (1997), ao que ele ressalta que não é necessariamente o ensinar a ler, pois segundo esse autor isso só não é o bastante, é mais que necessário ensinar a ter prazer e gostar da leitura, e que o educador precisa além do empenho sentir também o prazer em ensinar, gostar de ler e de contar história.

Ainda de acordo com Villardi, para se contar história há que se ter arte, e através dessa arte no contar da história a criança se deixa envolver e passa a entender o sentido do que se quer transmitir com a mesma, o que torna bem mais fácil e prazeroso a dinâmica do convívio

² O Serviço Social do Comércio (Sesc) é uma instituição brasileira privada, mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo, com atuação em todo âmbito nacional, voltada prioritariamente para o bem-estar social dos seus empregados e familiares, porém aberto à comunidade em geral.

social e a busca pelo autoconhecimento, fortalecendo a interação das crianças com a sociedade, inibir a propensão à violência dentro e fora da escola, contribuindo assim diretamente na formação do caráter e da personalidade desse indivíduo.

Ressaltando o que afirma Abramovich (1989, p.16): “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.” Portanto, entendemos que quando contamos uma história ampliamos as possibilidades de crescimento da criança pois damos a elas a opção de conhecer através da imaginação coisas e lugares, e mais ainda, se descobrir como seres humanos e assim propiciar seu desenvolvimento pleno.

O presente projeto proporcionará aos alunos e aplicadores uma interação dinâmica, resgatando a arte de contar histórias, incentivando o hábito e o gosto pela leitura, despertando nas crianças a imaginação, ajudando no desenvolvimento da oralidade, estimulando o desenvolvimento do raciocínio lógico, agindo assim, como instrumento pedagógico na sua formação e desenvolvimento.

Desta forma, o presente projeto se justifica pela necessidade de se revigorar a arte de contar histórias dentro do contexto escolar, tendo em vista sua utilização como um recurso pedagógico mais que excelente para ajudar no desenvolvimento pleno da criança em todos os contextos.

3.2.2 – A execução do Projeto de contação de história

O projeto trata a contação de histórias como instrumento para o desenvolvimento da criança, avaliando esse processo através da participação e do interesse despertado para a leitura e o desenvolvimento da escrita e da oralidade através das atividades decorrentes de cada história contada.

O projeto foi desenvolvido com duas turmas de diferentes séries e idades: na Turma “A Flor” que cursavam o 3º ano das séries iniciais do ensino fundamental onde frequentavam alunos com idades entre 7 e 8 anos, e na turma “Declaração de amor” que cursavam o 1º ano das séries iniciais do ensino fundamental com alunos com idades entre 6 e 7 anos, na Escola Sesc de Castanhal no Pará.

O desenvolvimento se deu durante os meses de Agosto a Novembro de 2017 com a frequência de um dia por semana, predeterminado pelas professoras titulares sua realização todas às Quintas-feiras no primeiro horário das aulas; as professoras Simone Uchoa do 3º ano

e Genivalda Santos do 1º ano tiveram participações passivas, não interferindo no processo, mas atuaram de forma a proporcionar o melhor andamento da experiência.

Tendo como referência as histórias narrativas:

- 1º - A bela adormecida (duas versões, sendo que a 2ª versão foi no 13º encontro);
- 2º - O Uirapurú,
- 3º - Os três jacarezinhos,
- 4º - Tato o gato,
- 5º - Júlia tem uma estrela,
- 6º - Cuidado com o menino,
- 7º - O convidado de Raposela,
- 8º - A árvore generosa,
- 9º - A história do Mapinguari,
- 10º - Os dois velhos surdos,
- 11º - O velho o menino e o burro;
- 12º - As contações das crianças
- 13º - João e Maria
- 14º - A culminância do Projeto

Perfazendo um total de 14 encontros, as histórias foram contadas nas duas turmas alternadamente, e a partir das quais foram desenvolvidas atividades referentes a cada história, e serviram de instrumento de coleta de dados para análise e reflexões dentro desta pesquisa.

No primeiro encontro começamos com uma roda de conversa na biblioteca, e foi conversado com as crianças que a partir daquele dia, todas as quintas-feiras teríamos o momento da contação de histórias e que em seguida faríamos atividades para perceber o que cada uma delas entendeu sobre o que foi contado. Então apresentei o nome da primeira história que seria contada: A bela adormecida, uma história já bem conhecida por todas, porém foi contada de forma narrada e cantada, feito vozes distintas de todos os personagens, a história é de uma jovem que teve seu destino traçado por uma maldição lhe imposta por uma bruxa, a qual não foi convidada para o batizado da princesa e por isso resolveu se vingar lhe lançando uma maldição que no dia de seu aniversário de 15 anos ela picaria o dedo numa roca de fiar e adormeceria pra sempre, e uma fada pra remediar o mal profetizou a princesa que um príncipe lhe beijaria e quebraria o encanto, e assim transcorreu a história, com o príncipe quebrando o feitiço e casando-se com a princesa.

Logo após o termino da história, fizemos um momento de comentários sobre os entendimentos de todos, para em seguida partirmos para a atividade, que consistia em

desenhar o que mais lhes chamou a atenção na história; os desenhos foram os mais variados possíveis e pode-se realmente perceber o quanto cada uma prestou atenção àquele momento.

O objetivo dessa contação foi mostrar que existe o lado bom e ruim das pessoas, as crianças em suas falas demonstraram essa compreensão, perceberam que a bruxa na verdade era uma fada que ficou com raiva e por isso quis se vingar, e isso motivou o desenrolar da história. Todas fizeram contribuições muito relevantes sobre o assunto o que levou a conclusão que todas entenderam a história cada uma dentro de sua própria vivência.



Nesta imagem vemos os alunos da turma do 3º ano sentados em uma roda de conversa na biblioteca da escola Sesc castanhal, no primeiro encontro do projeto. (Foto de autoria Diozete Oliveira em agosto de 2017)

O Segundo encontro transcorreu como o primeiro começando com a roda de conversa, porém em sala de aula, em seguida anunciando o nome da história: O uirapuru, que é a lenda de um pássaro da Amazônia, considerado um pássaro mágico e com o canto mais belo da floresta; a história fala de um guerreiro de uma tribo indígena da região que gostava de passear pela floresta tocando sua flauta feita de bambu, apaixonou-se pela jovem índia mais bonita da tribo, no entanto ela era a esposa do cacique, amor impossível para o jovem guerreiro, *tupã*³ comoveu-se com o amor não correspondido do jovem e por gostar muito da música tocada por ele, o transformou em um pequeno pássaro colorido cujo canto encantava

³ **Tupã** (do tupi-guarani *tu'pã* ou *tu'pana*) é um nome de origem mitológica indígena, que significa na língua tupi "o trovão". <https://www.significados.com.br/tupa/>

quem o ouvia; e o povo tupi ainda dizia que quem ouvisse o canto do uirapuru teria grande sorte na vida.

A atividade em sequência foi um mural de frases sobre a história contada, começando com palavras soltas que as crianças foram lembrando que ouviram durante a contação da história na sequência formamos as frases montando o mural.

O objetivo para essa contação era identificar o que as crianças sabiam sobre a floresta, os povos indígenas e os animais que vivem nela, e todas tinham alguma contribuições significativas a dar na roda de conversa, muitas falas sobre os incêndios que matam os animais, o desmatamento que provoca tantas consequências para o planeta inteiro. Percebeu-se com essa atividade o nível de informação das crianças sobre esse assunto, de acordo com as próprias crianças elas viram muitas das coisas que falaram na internet.

No terceiro encontro a história contada é uma versão dos três porquinhos, trocando os personagens que geralmente são considerados malvados para fazerem os papéis invertidos, a história “Os três jacarezinhos” trouxe para as crianças um olhar diferente da aparência dos vilões; na história os três jacarezinhos: jaca primeiro, jaca segundo e jaca terceiro, são perseguidos por um Javali bundudo que teima em destruir suas casas para devorá-los, as casas do jaca segundo e do jaca terceiro ele derruba facilmente pois uma é feita de areia e a outra é feita de gravetos, porém a casa do jaca primeiro é feita de pedras e o javali não consegue derrubá-la, então na tentativa de pegar os três jacarezinhos de uma vez só ele tenta entrar pela chaminé, mas os jacarezinhos estavam preparados para essa investida do malvado e acenderam a lareira que queimou o traseiro do intruso, e assim o malvado javali foi embora em busca de uma nova presa e os três continuaram juntos vivendo na casa de pedras.

A atividade proposta foi que todas as crianças fizessem desenhos sobre o que compreenderam sobre a história, uma cena que mais lhes chamou a atenção e dessem um título ao desenho, em seguida todos sentados em roda cada uma explicou sobre a cena desenhada; foi um momento muito produtivo onde todas participaram com entusiasmo. Abaixo temos fotos de algumas dos desenhos dessa atividade.



As crianças reproduziram nos desenhos o que mais chamou sua atenção na história dos três jacarezinhos. (Foto de própria autoria)

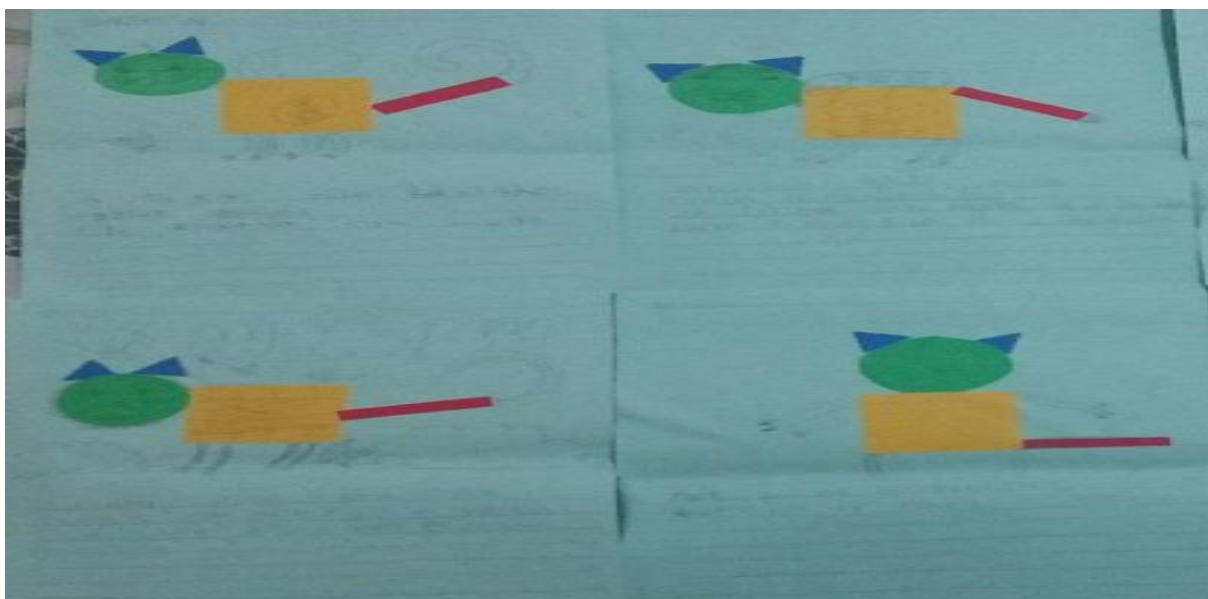
A próxima história no quarto encontro do projeto foi “Tato, o gato”, que aproximou as crianças do seu cotidiano: acordar cedo pra ir a escola; o gato da história inventa mil desculpas à sua mãe para não ir a escola, mas sua mãe dá um jeitinho de incentivá-lo, ele então, acha que deve levar seu amiguinho junto, seu ratinho de estimação, ele o esconde dentro da lancheira e segue para o seu primeiro dia na jornada escolar; tudo ocorre bem até que na hora do lanche, a professora vai servir o leite para todos mas a porta da despensa está trancada e não abre de jeito algum, nessa hora o ratinho salva o dia passando por baixo da porta consegue abrir a porta e todos conseguem tomar o leite; então os gatos tornam-se amigos do ratinho e compreendem que podem ser amigos apesar das diferenças. Tato a partir desse dia está sempre animado para ir à escola todos os dias acorda cedo e não inventa mais nenhuma desculpa para sua mãe.

A atividade pensada para esse dia foi trabalhar com figuras geométricas para montagem e desenho; as crianças receberam folhas de papel e triângulos círculos quadrados e retângulos para montarem seus desenhos e escreverem algo sobre a história que acabou de ser contada.

O objetivo principal para contar essa história foi relacionar as atitudes que o gato da história tinha ao ser acordado para ir para a escola, com as atitudes das próprias crianças, elas logo responderam positivamente a esse propósito, pois identificaram algumas ações de Tato q e logo relacionaram às próprias como por exemplo: inventar desculpas para não ir para a

escola, não querer tomar banho e entre outras, como sendo as mesmas tomadas por elas quando eram acordadas por suas mães, e que agora, assim como o gato perceberam como é importante frequentar a escola.

Podemos então afirmar que a história serve como referência ou exemplo para repensar atitudes, principalmente quando se trata de indivíduos que ainda estão desenvolvendo seu caráter e intelecto, dessa forma também podemos dizer que cada história deve ter um objetivo específico, deve ser lida com bastante antecedência pelo contador/professor para saber a intencionalidade da contação, como nesse caso em que as atitudes do gato se assemelham ao das crianças que acordam indispostas e necessitam de estímulo para esse momento.



As crianças brincando com figuras geométricas fizeram montagem sobre a história, escrevendo um momento que mais gostaram. (Foto de Dioneze Oliveira em agosto de 2017)

A história "Júlia tem uma estrela" foi contada no quinto encontro na turma do primeiro ano, é a história de uma menina cuja mãe estava muito doente, e um dia antes de ir para o hospital e sabendo da gravidade de sua doença, chamou sua filha chamada Júlia e lhe falou que tinha um segredo para lhe contar, ela havia recebido um convite para trabalhar em uma estrela o qual não podia recusar, que ela não devia ficar triste porque ela estaria sempre perto dela, e sempre que sentisse vontade de vê-la era só abrir a janela e olhar para o céu, ela estaria lá na estrela mais brilhante do lado direito, e quando a estrela piscasse era ela mandando um sinal que a estava olhando lá de cima; a mãe de Júlia no dia seguinte foi e não voltou, durante o velório que a menina não entendia muito bem Júlia só queria ir para o seu quarto e poder ficar sozinha para olhar sua mãe lá no céu piscando pra ela.

Terminada a história, fizemos uma roda de conversa para que as crianças pudessem falar o que entenderam da história, e todas se pronunciaram sempre dizendo que entenderam que a mãe de Júlia tinha morrido, e que tinha virado estrela, e foram contando suas experiências relacionadas à morte, foi um bate papo bem acalorado pois todas tinham alguma experiência para contar; em seguida as crianças pediram pra fazer desenhos sobre a história.

Essa história mexeu muito com a imaginação das crianças, foi perceptível suas dúvidas e também idéias sobre o tema “morte”, cada uma deu um depoimento sobre o significado da morte, o que ouviram de seus pais ou de alguém próximo, e os desenhos feitos durante a atividade foram bem significativos também, como veremos na foto que registrou alguns dos desenhos feitos por elas a respeito desse momento.

Essa história foi pensada justamente pela complexidade de sua mensagem, lidar com a morte é um desafio para as crianças em sua maioria, cada uma traz consigo uma ideia formada sobre o assunto, coisa que a história trata com muita leveza, mostrando a preocupação da mãe com a filha para que não sofra tanto com sua ausência; as crianças entenderam e receberam muito bem a mensagem e podemos afirmar isso nos comentários de pesar que se ouviu ao final da contação, afirmando que a mãe de Júlia tinha morrido, e que todos os seres tem um tempo para viver e a morte faz parte desse processo.

Podemos então dizer que a receptibilidade com relação às contações foram as melhores possíveis, a animação e as perguntas frequentes das crianças nos fazem chegar a essa conclusão.

Cuidado com o menino! Essa história do nosso sexto encontro, mostrou a esperteza de um menino, que é aprisionado por um lobo, e a cada investida do lobo em comê-lo, inventa uma receita de menino que precisa de vários ingredientes os mais inusitados possíveis, e o lobo que é muito guloso e quer comer algo bem gostoso sempre sai em busca dos ingredientes, porém sempre que retorna carregado de coisas ouvi o menino dizer que ele esqueceu o principal ingrediente que é o sal, no final da história após várias viagens em busca de produzir a melhor receita de menino terminou sendo enganado e aprisionado pelo menino, que voltou pra sua casa com muitas coisas boas para sua mãe, e com a mensagem da história de que não se deve nunca esquecer o sal.

As crianças se divertiram muito com a história, sempre que a contação chegava ao momento em que o lobo voltava com os ingredientes para uma nova receita, era perguntado a elas: “adivinha o que o lobo esqueceu?”, ao que elas respondiam rindo muito: “o sal”.

A atividade proposta para essa história foi que cada criança produzisse uma receita com os ingredientes que o menino pediu para o lobo, e desse nome a ela, foi uma festa de criatividade.

O objetivo da história foi alcançado, pois, a intenção em trabalhar a escrita e a coordenação das crianças com relação a organizar ideias em um texto, resultou em textos bem engraçados e as receitas foram variadas e com títulos muito apropriados, como exemplo destacamos três títulos: Menino ao molho de laranjas, torta de menino com linguiça, menino no tucupi entre outras; elas realmente entenderam que era só imaginar e escrever para que desse certo, a criatividade nesse momento foi surpreendente, mostrando o quanto as histórias instigam a imaginação e a percepção dos indivíduos em questão.

No sétimo encontro do projeto, O Convidado da Raposela foi o título da história, essa história dá uma breve noção sobre a cadeia alimentar, pois conta como uma raposa metida a esperta, começa a paparicar um ovo que encontrou na porta de sua casa, imaginando engordá-lo e fazer com que ele cresça bastante para depois comê-lo, porém o que acontece é inusitado, o ovo acaba sendo chocado e dele sai um dinossauro que acaba perseguindo-a para devorá-la; raposela foge e esquece até a vontade de comer o ovo.

As crianças ficaram pensativas depois que a história acabou, fizemos uma roda de conversa para saber o que elas perceberam da história, qual mensagem elas tinham captado? Minha surpresa foi com os discursos acalorados em defesa da raposa que só queria se alimentar, e no fim nem comeu, pois o ovo que ela pensava ser de uma galinha era na verdade o ovo de um enorme jacaré, e ela teve que fugir pra não ser devorada.

Então houve uma conversa sobre os animais que as crianças conheciam e qual sua alimentação, foram logo falando no gato que caça o rato, na cobra que come outros animais como o rato, cachorro, etc... falaram também sobre as pessoas que comem vários animais.

A atividade após a roda de conversa foi que cada criança desenhasse um animal e depois montássemos uma cadeia alimentar com os desenhos; as crianças participaram com muito entusiasmo da atividade e desenharam uma diversidade de animais variando desde pequenas aves, roedores até os maiores como elefante e baleia por exemplo.

O objetivo nessa contação foi o de mostrar que as histórias contadas podem servir também como introdução para os assuntos referentes as mais variadas disciplinas, como nesse caso para um assunto de ciências relacionado a antropologia, além de ser mais divertido, pode-se dialogar sobre o assunto com mais espontaneidade, trocando ideias com as crianças trazendo a tona referências que as mesmas já sabem sobre o assunto, assim pode-se trabalhar

melhor utilizando os próprios saberes e vivências da criança, aproximando a aula de sua realidade.

No oitavo encontro do projeto, a história da vez é “A árvore generosa”, que trouxe à tona o que as pessoas fazem por amor ao outro e a generosidade para com o outro; a história é basicamente a doação que a árvore amiga de um menino faz a ele, a árvore é uma companheira fiel do menino com ela ele brinca, descansa, e conversa passando horas de seu dia a seu lado; a árvore vê o menino crescendo e aos poucos sente que ele agora quer mais do que apenas comer seus frutos, descansar e brincar, ele quer ter em sua vida uma família, casa, filhos, dinheiro; a árvore então oferece tudo o que tem para que ele possa ser feliz, e vai se despedaçando aos poucos, para tentar suprir as necessidades daquele menino que ela tanto ama, mas ele sempre volta em busca de mais, no final só lhe resta um toco, onde o menino/velho pode sentar para descansar.

Essa história fez as crianças ficarem pensativas, e na roda de conversa falaram sobre quem as ama e faz tudo para vê-las felizes: “Os pais”, foi a afirmativa geral, o que aos poucos foi se ampliando, pois no decorrer da conversa puderam perceber que além dos pais existem outras pessoas que as querem bem e que sempre fazem algo por elas e para elas.

As crianças também falaram sobre o menino que exagerava nos pedidos para a pobre árvore, parecia que ele nunca estava satisfeito com nada e sempre que voltava para falar com a árvore ele pedia algo maior; também falaram sobre o sacrifício que algumas pessoas fazem por amor, e que não devemos exigir coisas demais das pessoas nos aproveitando desse amor sabendo que elas vão se sacrificar para satisfazer nossas vontades, falaram isso se referindo aos seus pais e pessoas mais próximas.

A história foi contada com o real objetivo de fazer com que as crianças refletissem sobre as próprias atitudes, tanto com relação aos pais quanto com relação às outras pessoas de sua convivência; como elas agiam quando queriam algo? O que pediam realmente era necessário naquele momento? ou indispensável? A maioria comentou que depois da contação pensou em como era exigente com sua família, sempre pedindo coisas e coisas sem pensar na dificuldade que seria conseguir o que pedira; com comentários desse tipo cada uma foi formando sua própria opinião sobre o assunto e a cada afirmação observou-se como essa história serviu para reflexão e para o pensamento de mudança de atitudes nas coisas mais corriqueiras do dia a dia dessas crianças.

Assim constatou-se que as histórias podem sim trazer em sua mensagem uma lição para a vida, fazer com que se reflita sobre ações e reações dos sujeitos e de si próprio, para aprender como agir com o outro; é a história ensinando através do olhar para dentro de si

mesmo, tudo isso constatado através de palavras e frases ditas pelos próprios indivíduos analisados nesse momento, dessa forma Coelho (2006) ressalta que:

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida (COELHO, 2006, p. 12).

No nono encontro, foi contada a lenda do Mapinguari, segundo a lenda o mapinguari é um ser que protege a floresta, ele sempre deixa armadilhas na floresta para os desavisados pegarem pra comer, e através disso enfeitiça os mesmos, transformando-os em mapinguaris, estes passam a ser também protetores da floresta. Essa história trouxe a discussão sobre o meio ambiente, e como os homens estão destruindo a terra e os seres que a habitam. As crianças comentaram sobre a poluição dos rios, como os peixes estão sofrendo com isso, falaram também sobre as queimadas que além de destruir as florestas, matam muitos animais, transcrevi aqui alguns comentários bem relevantes:

— Professora, as pessoas sabem que se destruírem os animais e as florestas também estão destruindo a nossa casa e o nosso alimento, eu queria entender porque elas fazem isso?!
— essa foi a fala de uma aluna do 1º ano.

— Todos nós de alguma forma contribuímos para a poluição dos rios e do meio ambiente quando jogamos lixo na rua, esse lixo vai com a chuva para os bueiros e para os rios, então professora, temos que dar o exemplo, não jogar o lixo em qualquer lugar, e sim no lixo – disse outra aluna do 3º ano.

A roda de conversa foi muito acalorada nas discussões sobre o meio ambiente e como se pode evitar que o planeta seja poluído cada vez mais, surgiram diversas ideias de reciclagem e de como auxiliar na limpeza dos rios e proteger os animais e as florestas.

Assim como na história da Raposela, houve o objetivo de introdução ao assunto de uma disciplina, como no caso da cadeia alimentar, o assunto em questão foi o meio ambiente, e as crianças foram discorrendo oralmente o que sabiam, perguntavam e respondiam coerentemente e de acordo com suas próprias convicções; como já foi afirmado anteriormente, as histórias podem ser utilizadas para conhecer previamente os saberes que as crianças trazem sobre determinados assuntos, introduzindo com leveza os conteúdos de diferentes disciplinas.

Fazendo referência ainda sobre esse assunto, cita-se as atividades realizadas ao final da história de Tato o gato, onde montaram com figuras geométricas seus desenhos e escreveram

com suas próprias palavras sobre a história contada; verifica-se então uma interdisciplinaridade, juntando interpretação, matemática e língua portuguesa.

O décimo encontro foi marcado por uma história sobrenatural, o nome da história era “Os dois velhos surdos”, trata-se de uma lenda sobre fantasma ou assombração popularmente chamada de visagem, que envolve um casal de idosos que moravam em uma vila cercada por uma floresta e que ficava às margens de um rio; os dois tinham pouquíssima audição, quase surdos não notaram que a população da pequena vila estava indo embora aos poucos, todos fugindo, pois estavam muito assustados com acontecimentos estranhos sobre visagem que estavam rondando a vila, como fantasmas, bichos estranhos no porto, etc.; acabaram ficando pra trás e sozinhos.

Os dois falavam muito alto, por causa de sua pouca audição, e se comunicavam aos gritos, certa noite após jantarem, deitaram em suas redes que ficavam uma de frente para a outra, e já quase adormeciam quando ouviram barulhos estranhos do lado de fora da casa, curiosos foram olhar pela fresta da porta e viram um brilho muito forte que se aproximava, percebendo que o brilho estava em frente sua casa, trancaram-se no quarto e se esconderam, os dois perceberam que eram duas visagens que bateram na porta com voz de visagem perguntando se tinha alguém ali, desistindo de bater e chamar já se afastavam quando o marido gritou para a mulher que os fantasmas estavam indo embora, escutando que havia alguém escondido na casa voltaram e pegaram os dois; então dias depois pescadores que conheciam os idosos foram procurar por eles e só encontraram dois montes de cinzas dentro da casa.

Essa história mexeu com a imaginação das crianças, que se interessaram muito pelo assunto, e cada uma já tinha algo para falar sobre fantasmas, monstros e afins. Conversamos muito e todas estavam eriçadas e fascinadas cada uma tinha uma observação a fazer sobre os dois idosos: “Eles deviam ter ficado quietos!”, “Deviam ter corrido, isso sim!”, “Porque os outros moradores que estavam indo embora não chamaram os velhinhos pra irem também?”; cada uma delas tinha uma maneira para que os dois idosos saíssem ilesos da situação.

Observando o entusiasmo das crianças pelo assunto, e para melhor avaliar seu desenvolvimento oral durante o projeto, foi proposto que no próximo haveria “O dia das crianças contadoras de histórias”; momento em que cada uma contaria uma história sobre fantasmas, aparições ou algo do gênero. A proposta foi aceita com euforia, todas muito animadas e empolgadas pela próxima contação de história, que seria o momento em que seriam as contadoras.

O décimo primeiro encontro, como proposto no encontro anterior, foi marcado por histórias contadas pelas próprias crianças, que seria sobre fantasmas aparições ou algo do gênero. Foi um festival de histórias, entre as quais destaco:

- A lenda do boto que uma aluna do terceiro ano contou, a lenda fala de um mistério onde um boto sai da água em dia de lua cheia e transforma-se em um lindo rapaz que seduz e engravida as moças;
- A história da noiva que pega carona, contada por uma aluna do 1º ano que fala sobre uma noiva que faleceu em um acidente às vésperas do seu casamento e desde então pega carona para voltar para sua casa.
- A voz atrás da porta, essa história se destacou por ser, de acordo com aluna do 3º ano, um caso real que ela ouviu a mãe contar; - “Uma noite em que todos estavam dormindo lá em casa, minha mãe ouviu chamarem por ela e a voz parecia muito com a da minha avó, ela foi correndo para atender a porta já com a certeza do que encontraria do outro lado, porém, quando olhou pelo olho mágico só viu uma névoa brilhante em frente à porta. Mamãe ficou com muito medo e voltou correndo para o seu quarto; no dia seguinte na hora do café contou para todo mundo o que tinha acontecido, nessa hora o seu celular tocou e ao atender soube a notícia que a minha avó tinha falecido na noite passada, minha mãe começou a chorar e disse que na noite anterior era a alma da minha avó que veio se despedir da minha mãe.”

Destacamos esse encontro como uma grande atividade de avaliação, nele analisou-se a evolução e o desenvolvimento das crianças quanto a oralidade e a escrita, em comparação com os primeiros encontros onde esse universo do imaginário ainda estava um pouco ofuscado ou pouco conhecido para elas, sabendo que as mesmas mantinham um contato bem superficial com as histórias contada.

Nesse momento as narradoras foram as crianças e usaram sua imaginação criando a atmosfera necessária para aquele momento, cada uma que apresentou sua contação o fez com entusiasmo, clareza, eloquência e no final com um brilho no olhar de futuros novos e assíduos leitores. A autora que nos referencia esses momentos das crianças é Bussato(2003, p. 45) que afirma: “[...] Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Percebemos que algumas crianças no início tão tímidas e introspectivas atingiram um grau significativo de desenvoltura com as palavras e com a contação como um todo. E ainda de acordo com essa análise Ribeiro (2002), salienta que a história deve instigar a imaginação do

indivíduo e mas nem sempre com uma moral tão definida, e não deve ser tratada apenas como ferramenta do aprendizado, a criança precisa sentir a história e com isso ressignificá-la para o seu próprio aprendizado.

A história que veio a seguir em mais o encontro foi: O velho, o menino e o burro, essa história é um clássico do gênero das fábulas, a história narra a trajetória de um velho seu filho e um burro rumo ao mercado no qual o burro seria vendido; o velho senhor resolveu vender seu burro e pensando em seu retorno a pé convidou seu neto para acompanhá-lo; logo montaram os dois no burro e colocaram-se a caminho, passando por um grupo de escoteiros que logo falaram: - Quanta maldade, com o pobre animal, coitado! – O velho ao ouvir aquele comentário pediu a seu neto que prosseguisse andando enquanto ele iria montado. Porém logo adiante ao passarem por uma lagoa onde haviam várias mulheres lavando roupas ouviram o comentário: - Que absurdo, explorando a pobre criança, podia ir andando e deixar o menino ir em cima do animal! - Ouvindo isso mais o homem trocou de lugar com o menino, e prosseguiu andando enquanto o menino estava montado no burro; mais adiante passando por algumas jovens as mesmas comentaram com o menino era preguiçoso e deixava um senhor ir andando enquanto descansa, o velho desce do burro e para evitar mais comentários decide seguir junto a seu neto andando e puxando o burro pelo cabresto; no entanto mais a frente encontram vários homens que logo caem na gargalhada dizendo: - Não sabemos quem é o burro, pois enquanto se cansam o burro vai tranquilo! – então, os dois avô e neto se olham e resolvem carregar o burro nas costas, pensaram que talvez assim ninguém falasse mais nada para perturbá-los.

Ao final da história as crianças estavam as gargalhadas, e foram logo falando que os dois eram burros de ligar para o que os outros estavam falando, eis alguns comentários feitos pelas crianças: “ Meu Deus prof. Esses dois não sabem que a gente não deve ligar pra esse tipo de coisa?”; “Pelo jeito eles não sabiam que a gente não pode agradar todo mundo!”; “ Temos que fazer o que achamos que é o certo e não deixar outras pessoas dizerem isso!”; esses foram comentários de alunos do 3º ano da turma “A Flor”.

O objetivo da história foi chamar a atenção das crianças para momentos do cotidiano em se apresentam situações bem semelhantes a da história, de uma forma simples e direta, percebeu-se que assim como na história de João e Maria, as crianças também tinham suas próprias experiências com relação ao assunto, e bem diretamente observou-se pela falas das mesmas que prestaram a atenção devida à história e que não se deve ligar para a críticas negativas.

Neste que seria o penúltimo encontro, a história de João e Maria foi a história contada, João e Maria eram duas crianças que moravam com seu pai e sua madrasta muito pobres, e que por isso sua madrasta influenciou o pai a deixá-los na floresta a sua própria sorte, e assim foi feito o pai os levou para dentro da floresta e lá os deixou, os dois mesmo com muito medo resolveram andar e tentar sair daquela situação, porém uma bruxa os atraiu para a sua casa e os dois deslumbrados ao ver uma casa feita de doces, caíram na armadilha, a bruxa fez de tudo para comer João e ainda fazia Maria de empregada, no entanto Maria muito esperta jogou a bruxa no forno e soltou seu irmão, os dois agora de posse de tudo que a bruxa tinha inclusive comida, conseguiram voltar pra casa onde encontraram seu pai sozinho e viúvo, e eles viveram felizes os dois juntamente com seu pai.

Na roda de conversa, as crianças lembraram de fatos que ocorreram com crianças atraídas pelas coisas que elas gostavam como bombons, biscoitos e brinquedos, falaram também sobre a falta de alimento em muitas casas, e de como os pais sofrem com isso pois não conseguem dar alimento para os filhos, contaram fatos sobre crianças que foram mortas e que possivelmente foram atraídas para armadilhas como a que a bruxa fez para João e Maria, falaram ainda sobre as crianças abandonadas pelos pais as vezes até no lixo. Ao final foi proposto que cada criança fizesse um desenho sobre a história ou de como ela viu aquele momento.

*

Nesse encontro fizemos um apanhado dos nomes de todas as histórias contadas, conversamos de modo geral em como foi marcante cada uma delas, as crianças lembravam detalhes de cada história como o nome dos personagens, quem era o bonzinho, sobre o que se tratava; após esse momento elas elegeram a história que gostariam de ouvir novamente, aquela que a maioria tinha gostado mais, e a história escolhida foi a Bela Adormecida.

(fotos da história e atividades realizadas)

(fotos da história de João e Maria)

No último encontro foi contada a história da Bela Adormecida, porém foi lida de um livro mostrando as figuras para as crianças a cada página lida, e aos poucos as crianças demonstraram seu descontentamento, elas esperavam a história que foi contada no primeiro encontro com narração e canto; ao término da história foi perguntado se elas tinham gostado,

e logo veio a negativa unanime, disseram que a história foi um pouco chata que não parecia a mesma história, algumas crianças falaram que a outra história era mais divertida.

Passamos para o momento seguinte em que foram sorteados três livros que continham algumas das histórias que fizeram parte do projeto, os alunos que ganharam demonstraram muito entusiasmo por poder eles mesmos lerem as histórias e manusearem os livros. Tivemos um momento para um lanche feito para esse momento e algumas fotos que constam inseridas nessa pesquisa; o momento foi de despedida do projeto, e os pedidos para que continuassem as contações.

3.2.3 – Alguns achados: a repercussão do projeto de contação de história no processo educativo das crianças

As atividades do projeto proporcionaram a observação e avaliação, por parte do aplicador, do desenvolvimento na leitura e interpretação pelos alunos envolvidos, como também a aceitação dos mesmos com relação a esse momento de leitura e exploração do universo lúdico das histórias.

Muitas foram as observações feitas durante o desenvolvimento do projeto de contação de histórias, em cada encontro foi feito um apanhado de reações e interpretações das crianças a cerca da trama e dos personagens, relacionando com as disciplinas e com o cotidiano vivido pelas crianças.

As histórias contadas durante o projeto tinham temas relevantes dentro do universo das crianças, e as observações e apontamentos são relativos aos comentários e percepções dentro dos contextos das atividades desenvolvidas em cada contação relacionadas aos objetivos propostos para essa pesquisa.

Logo de início observou-se que as idades interferem na receptibilidade das crianças com relação aos momentos das atividades referentes as histórias contadas, as crianças do 3º ano tiveram mais dificuldade em desenvolver as atividades propostas para cada contação, principalmente quando se tratou da interpretação oral ou descrita através dos desenhos, em comparação às crianças do 1º ano que com facilidade desenvolviam as atividades propostas fossem desenhos ou interpretação oral.

É importante ressaltar que as crianças do 1º ano, em sua maioria possuem uma leitura fluente e comunicam oralmente suas interpretações com facilidade, comparadas com a turma do 3º ano que ainda titubeiam tanto nas suas interpretações orais quanto na leitura.

Essa diferença é justificada levando-se em consideração à forma como as professoras tratam a contação de histórias em sala de aula, enquanto a turma do 1º ano trabalha com histórias contadas e interpretação através de desenhos e exposição oral desde que iniciou suas aulas, a turma do 3º ano só passou a ter esses momentos a partir da ideia do projeto de contação de histórias e não tinham contatos com essa ferramenta lúdica.

Percebeu-se o nítido interesse da maioria das crianças, tanto da turma do 1º ano quanto do 3º ano, pelo momento da contação de histórias, interesse observado através das perguntas frequentes de qual seria a próxima história e do que se tratava, e de posse dessas informações ficavam conversando entre elas como seriam os personagens.

Algumas crianças pesquisavam sobre a história e traziam uma ideia formada sobre tudo o que acontecia naquela história, como por exemplo, na história de João e Maria, foi observado que ao começar a contação duas meninas do 3º ano iam se manifestando sobre os acontecimentos dizendo: “— Eu sabia professora. Eu li na internet!”; esses tipos de comentários foram recorrentes durante as contações em que antecipadamente era divulgado o nome da história que seria do próximo encontro, portanto, conclui-se que conforme as crianças foram se envolvendo pelas contações sentiram-se impulsionadas a verificarem por si só o conteúdo das histórias que viriam a seguir, instigadas pela curiosidade e também pelo desejo de participar mais ativamente das rodas de conversa.

Ainda a respeito da contação da história acima citada, verificou-se que as crianças trazem para a escola suas vivências e sempre que podem compartilham experiências, inquietações e interpretações dos fatos que as deixa em alerta, seja em noticiários ou mesmo através de uma conversa entre pessoas de seu convívio, conseguem absorver as situações de perigo e tentam evitar se expor a elas.

Observou-se que as crianças interpretam o que ouvem, pois durante a roda de conversa repetiram frases ditas pela narradora e explicaram de que maneira viam aquela situação, por exemplo, quando a madrasta diz para o pai de João e Maria que deve deixá-los a própria sorte na floresta, ao que interpretaram que “à própria sorte” significa “por conta própria” que os dois teriam que viver sozinhos na floresta sem o auxílio dos pais.

As histórias podem servir para alertar para os perigos, ou mesmo proporcionar ideias de como se prevenir e evitar o envolvimento em situações perigosas, na história a bruxa atrai as crianças com coisas gostosas e elas não resistem e caem na armadilha; foi unânime durante

a roda de conversa as crianças relatando fatos de pessoas que sequestram e matam crianças atraindo-as com algo que elas não resistem e caem na armadilha.

A criança vive em meio a muitos sentimentos novos, que frequentemente as confundem, as histórias servem de exemplo com os quais ela aprende a lidar com esse turbilhão que envolve sua vida, a interpretação que é dada a cada história contada serve para dar ideias na resolução de problemas, alternativas para enfrentar situações adversas e como alerta a situações que podem e precisam ser evitadas para o seu próprio bem estar.

De acordo com Bettelheim(2009):

A vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de idéias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida. (BETTELHEIM, 2009,p.13)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**, 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2006
- BUSATTO, Cleo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis – RJ: vozes, 2003.
- AGUIAR, J.S. **Jogos para o ensino de conceitos**. Campinas: Papyrus, 1998.
- AGUIAR, K. F. e ROCHA, M. L. **Práticas Universitárias e a Formação Sócio-política**. Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política, nº 3/4,1997, pp. 87-102.)
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.
- BONAT, Débora. **Metodologia da pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil S. A. 3. Ed, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria, análise e didática**. São Paulo: Ática, 1991.
- DEUS, Mariana Ferreira de. As contações de histórias problematizadoras no ensino de astronomia no 2º ano do Ensino Fundamental: entrelaçando fantasia e conhecimentos**. 2013, 137 fls. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. Uberlândia – MG, 2013. Acesso em: 27 de dezembro de 2017.

Disponível

em:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13927/1/Mariana%20Ferreira.pdf>

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GOODENOUGH, Ward H. **Culture, language and society**. Reading, MA: AddisonWesley, 1971.

KISHIMOTO, M.T. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Cortez editora. 5ªed São Paulo, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: vozes, 2001.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo**. São Paulo: Zanhar, 1971.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** 2011, 127 fls. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Londrina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Londrina – PR, 2011. Acesso em: 27 de dezembro de 2017. Disponível em: file:///C:/Users/FAPED%20-%20Dr%C2%AA.%20Debora/Downloads/Ramos_Ana_C_Me_2011.pdf

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SANTOS. S. Marli P. **O Lúdico na Formação do Educador**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

SEVERINO, A. J. Teoria e prática científica. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me abençoado com muita saúde e força para transpor as dificuldades.

Agradeço também ao meu pai que de onde estiver estará sempre olhando por mim, à minha mãe que está sempre me apoiando quer seja de maneira presencial ou com suas orações sempre direcionadas a cuidar de mim.

Agradeço ao meu esposo pelo amor e dedicação no decorrer dessa trajetória, pois esteve sempre presente com seu carinho, atenção e disponibilidade.

Agradeço às minhas filhas por todo apoio, carinho e amor dedicados a mim no período dessa jornada, elas que sempre foram minhas maiores incentivadoras.

Agradeço ainda a todos os professores que de uma forma bem direta estiveram envolvidos comigo nessa caminhada.

Agradeço muitíssimo a esta instituição que através dos seus docentes me abriu esse mundo de possibilidades para essa vitória.

Tendo em vista a contação de histórias como uma possível forma de contribuição para a aprendizagem das crianças e, por conta disso, talvez algo significativo de ser utilizado pelo professor no momento do processo educativo, é importante que se conheça a opinião de alguns pesquisadores que apreciam esse assunto e que primam por formas mais adequadas de educar. Conforme Prado e Soligo.

A palavra narrar vem do verbo latino narrare, que significa expor, contar, relatar. E se aproxima do que os gregos antigos clamavam de épikos – poema longo que conta uma história e serve para ser recitado. Narrar tem, portanto essa característica intrínseca: pressupõe o outro. Ser contada ou ser lida: é esse o destino de toda história. E se as coisas estão prenes da palavra, como preferia Bakhtin (1997), ao narrar falamos de coisas ordinárias e extraordinárias e até repletas de mistérios, que vão sendo reveladas ou remodeladas no ato da escuta ou na suposta solidão da leitura. (2007, p. 48)

Ao se notar tal importância que a narrativa estabelece entre aquele que narra e aquele que ouve, parece interessante que seja feito um maior aprofundamento desse assunto. Portanto, assim como esses autores, Coelho, em seus estudos sobre literatura infantil e juvenil, também contribui com um conceito de narrativa:

A matéria narrativa resulta, pois, de uma voz que narra uma estória, a partir de um ângulo de visão (ou foco narrativo) e vai encadeando as sequências de uma efabulação; cuja ação é vivida por personagens; está situada em determinado espaço; dura determinado tempo e se comunica através de determinada linguagem ou discurso, pretendendo ser lida ou ouvida por determinado leitor / ouvinte. (1993, p. 86)

Desde que a escrita passou a fazer parte de nossa vida, ler tornou-se tarefa fundamental para que se possa interagir com os fatos e situações apresentados pela sociedade. Hoje, por estar vivendo em uma época em que o avanço da tecnologia tem proporcionado as mais diversas e variadas informações, tornou-se imprescindível que as pessoas sejam preparadas para serem leitoras, porque assim serão capazes de fazer a seleção de informações que lhes possibilitem a solução de problemas de suas realidades. Para contribuir com a ideia de formar cidadãos leitores, Abramovich ressalta:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. (1997, p. 16)

Em sua obra “A hora do conto: da fantasia ao prazer de ler”, Barcellos e Neves demonstram coerência com os pensamentos de Abramovich (1997) e ressaltam outras habilidades que a criança desenvolve e amplia ao ouvir histórias. Dentre essas destacam que:

Além disso, a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento. (1995, p. 18)

Na medida em que se percebe, nas palavras dessas estudiosas, a preocupação de que as crianças desenvolvam e ampliem suas habilidades e que conheçam e compreendam melhor o mundo, fica claro que as mesmas são defensoras de um ensino que prepare o aluno para o desempenho de papéis e tarefas sociais com autonomia. Em sintonia com esse pensamento, Morin, que denomina isso como “ensino educativo”, observa que: “A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (2001, p. 11).

Prosseguindo nessa ordem de ideias, acredita-se que seja válido mencionar aqui as concepções de Filho, pois o mesmo chama a atenção para o fato de que é essencial e favorável para a aprendizagem dos alunos que o professor, durante sua prática educativa, conte e leia histórias.

É importante que o professor das quatro séries iniciais do 1º grau conte histórias para os seus alunos e também lhes leia em voz alta. No início do primeiro segmento do ensino fundamental, os alunos começam a se apropriar do processo de leitura [...]. Eis aqui, ao nosso ver, um bom

caminho para promover a leitura na sua ampla e rica dimensão: a descoberta e atribuição de sentidos, carregando a leitura de significações. O leitor, entendendo o texto, procura se entender e busca também o entendimento do próprio mundo em que se situa. (1995, p. 87-88)

No sentido de contribuir com aquele educador, que não desenvolve a prática de contar histórias, porque não se sente apto e seguro para fazê-lo, mas considera válido o que esse último autor relata, é que cabe mencionar o que Coelho afirma sobre essa questão:

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria – prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas que pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas. (1995, p. 9)

Amarilha, com intuito de incentivar a contação de histórias nas escolas, para que a criança, através da voz que narra, torne-se um ouvinte pensante, revela:

Quando colocamos a narrativa na escola através do contador/leitor de histórias, mudamos a história da escola. Mudamos a relação da criança com a cultura escolar, porque a fazemos experimentar textos significativos do ponto de vista psicológico, social, linguístico, afetivo,

Do mesmo modo que o saber ler, o ato de escrever é um meio que possibilita e facilita a Revista FACEVV | Vila Velha | Número 3 | Jul./Dez. 2009 | p. 23-33 26 comunicação entre os seres humanos, portanto, é essencial que se crie e se oportunize às pessoas situações em que possam ir desenvolvendo cada vez mais essa habilidade. Kuhlthau demonstra os benefícios que a contação de histórias oferece para que os estudantes se tornem leitores e, por conta disso, melhores escritores. pressupondo que todo professor seleciona, adequadamente, os textos que lê para seus alunos. (2006, p. 29)

Antes que possam ler sozinhas as crianças devem escutar histórias, a fim de desenvolver o interesse pelos livros e conscientizar-se da variedade de livros disponíveis. Quando estão aprendendo a ler, a escuta de histórias funciona como uma influência modelizadora para a leitura. Essa atividade possibilita a experiência com o fluxo das palavras para formar os significados. As crianças vivenciam o prazer e os sentimentos criados pela leitura. Por outro lado, a leitura tem como finalidade a formação de escritores, não no sentido de profissionais da escrita, mas de pessoas capazes de escrever adequadamente. Assim, ela fornece a matéria – prima para a escrita (o que escrever), além de contribuir para a constituição de modelos (como escrever). (2002, p. 50)

Analisando os conceitos aqui mencionados, percebe-se que de uma forma singular todos esses pesquisadores demonstram um posicionamento semelhante quanto à contação de histórias para crianças.

